

## NATÁLIA E A SUA RÚSSIA

Assim que passamos pelos serviços de imigração, no Aeroporto de Dodomedovo, um dos quatro que servem a metrópole moscovita, encontramos nossas malas na esteira e passamos pelas grandes portas de abre e fecha automático, como se estivéssemos entrando nesta outra parte do mundo. Logo vimos Natália, portando a pastinha em que estava escrito “Agência Latitudes, Sr e Sra Sposito”. Que alívio! Alguém nos espera para ajudar a entrar na Rússia.

Ela, realmente, é uma figura e, por seu intermédio, tomamos nosso primeiro contato com este país tão distante, não apenas nos quilômetros que o separam do Brasil, mas, sobretudo, em função da falta de leituras e informações mais gabaritadas sobre essa realidade meio européia, meio asiática, menos socialista, mais capitalista, muito cristã, ainda um pouco agnóstica.

Como descrever Natália? Não é fácil, porque corro o perigo de caricaturizá-la, ainda que, de saída, já tenha que admitir que ela é um pouco uma caricatura. Qualquer desenhista *expert*, nesta arte, adoraria representá-la. Deve ter um pouco menos do que 1,60m, uma estrutura óssea larga, é gordinha e, sobretudo, tem grandes seios. A impressão que causa é que isso poderá provocar um desequilíbrio e a qualquer momento ela poderá tombar para frente. Acho que, por isso, anda com as pernas um pouco abertas, como se isso fosse necessário para suportar o pescoço que se arca para trás, na tentativa de compensar as mamas que sobressaem em sua silhueta, ainda mais, pela falta de bumbum.

Sua roupa é muito simples: saia de brim e camiseta de algodão. Tem uns olhinhos pequenos e extremamente azuis. Carrega dois anéis, um no dedo anelar e outro no mindinho, ambos do mais puro latão, o que deixa sua mão sempre acinzentada pelo metal que se mistura ao suor. O calor do verão faz Natália bufar sem parar, o

que aumenta o odor que exala dela, ampliando o que resulta, suponho, de alguns dias sem banho. Seus pés são ásperos e se pode ver, pelas sandálias, que cortar e limpar as unhas não é o seu forte.

Apesar dessa aparência tão rude, Natália é inteligente, ao seu modo, rápida e ágil nas suas iniciativas, o que garante a execução com eficiência das tarefas repassadas pela agência: dá as boas vindas; pergunta se as malas estão todas conosco; tira o celular da bolsa, que mais parece uma sacola de tanta coisa que tem dentro; chama o motorista; passa as informações sobre a programação do dia seguinte; informa os quilômetros que separam o aeroporto do hotel (exatamente 53) e o tempo que demoraremos para chegar ao nosso destino, num final de sexta-feira em que os moradores da metrópole deixam a cidade para se refrescar no campo; oferece dados sobre o tamanho da cidade, seus meios de transporte, intensidade de imigração etc etc etc, além de responder com presteza todas as perguntas que vamos arrolando, durante a hora e meia que levamos para fazer o percurso.

Ela esteve conosco durante dois dias e meio em Moscou. Gostamos de seu humor fino, sempre irônico em relação ao período de domínio soviético. Nunca se esquivou de nos responder as perguntas mais difíceis, as que solicitam a comparação entre o período socialista e o que se segue à entrada do capitalismo. Não hesitou em ser politicamente incorreta, ou seja, se a maioria dos guias turísticos procuram ser assépticos e não deixam transparecer suas posições políticas e religiosas, com Natália ocorre exatamente o contrário.

Ela explicita claramente que considera a experiência socialista importante e que o capitalismo traz problemas sérios, pelo aumento do preço de tudo, pelo desemprego, pela mendicância que começa aqui e ali, pela ampliação das diferenças entre Moscou e o restante do país. Por outro lado, falou abertamente sobre os desmandos do Partido Comunista, o autoritarismo de Stalin, os controles de toda natureza que eram exercidos sobre a sociedade e, sobretudo, fez

referências contundentes sobre os privilégios concedidos aos que apoiaram e agiram a favor do regime.

Como afirmei, ela é o que melhor exprime o politicamente incorreto. O motorista do nosso carro é enorme e ela, em espanhol, chama-o de El Gordo, sempre com uma risadinha, e ficamos em dúvida se ele sabe deste apelido. No trânsito, a cada vez que alguém comete um equívoco, ela fala em alto em bom tom “Cretino”. Não hesita em tentar furar a fila, aqui ou ali, para facilitar nosso acesso ao museu ou a um monumento.

Pergunto sobre sua vida, local de moradia, profissão etc e as respostas dadas ajudam a compreender o jeitão de Natália. Formou-se, na Universidade de Moscou, em Línguas Latinas, fala espanhol e italiano. É aposentada, recebe pouco mais de 500 dólares por mês. Mora na cidade de Rostov, próxima ao Mar Negro, a 1000 km ao sul de Moscou, e vem para a capital, por três meses no verão, para trabalhar de guia turístico e complementar sua renda. Faz esse percurso dirigindo seu próprio carro e aproveita para informar que foi uma das primeiras mulheres a dirigir em sua cidade. É *free lancer* de várias agências de turismo. Está juntando dinheiro para fazer uma casa, pois mora na que pertenceu a seus pais, uma vez que, no período socialista, a prioridade para receber do Estado um imóvel residencial era dada aos casais com filhos, perfil no qual ela não se encaixa. Nos três meses de verão, trabalha loucamente em Moscou, volta para sua cidade e ainda trabalha por mais dois meses fazendo conservas de tomate, pepinos, pimentões e frutas, de modo a se preparar para o inverno e, depois, segundo ela mesma, descansa por seis ou sete meses... Todo seu dilema, no momento, é como começar a construção, se durante o verão deixa sua cidade e durante metade do ano a neve impede que trabalhos deste gênero sejam feitos. Assim, se parar de trabalhar para ficar em Rostov e fazer a casa, tem menos dinheiro, se vem trabalhar, tem o dinheiro, mas não o tempo com boas condições climáticas para fazer a construção.

Adorei duas respostas dadas, por ela, às minhas questões de todo tipo. Quando lhe perguntei por que estudou espanhol, ela se virou, com seus olhinhos de criança e respondeu: “Porque me enamorei das músicas de Sarita Montiel, muito românticas, nos filmes que assistia no cinema quando era mocinha” e começou a cantarolar um ou outro trecho, entremeando com informações que tem sobre a vida da grande artista. Em outro momento, querendo, apenas, saber qual o melhor horário para sair para jantar, em nossa primeira noite em Moscou, procurei informações sobre os hábitos locais e perguntei: “A que horas jantam os russos?”. Ela se virou, com seu riso brincalhão, e afirmou: “Nós, russos, comemos todo tempo e a qualquer hora” e baixou os olhos para seu próprio corpo, como a me dizer: “Você não está vendo como somos gordinhos?”.

Aliás, esse aspecto chama atenção demais na Rússia. As moças e os rapazes são altos e esguios, muito bonitos com suas peles de pêssego e seus olhos claros. Ao passarem dos 30 anos, começam a ficar gordos e balofos. O resultado é que, no geral, parecem ser mais velhos do que a idade que têm. A guia nos informa sobre os principais problemas de saúde e dá ênfase ao alcoolismo que, segundo ela, é culpa do Partido Comunista que dava emprego a todos, trabalhassem ou não, o que explica que alguns já bebiam durante o horário de trabalho e chegavam “borrachos” em casa, ao final do dia.

Assim, ela nos justifica os altos índices de divórcio, explicando porque ela mesma prefere viver sozinha e completa apontando essa dependência química como a razão da diferença entre as expectativas de vida masculina e feminina: 59 e 72 anos, respectivamente.

Natália demonstra que já trabalhou muito e que ainda trabalha, por suas mãos rudes e pelo rosto marcado pela vida, tão diferente do que está na foto de quando era mais jovem, em seu crachá de guia, que ela traz pendurado todo o tempo. Já fez 59 anos e a vemos ficar muito cansada à medida que sobe e desce do carro, toma providências em seu celular, liga e desliga o microfone, chama atenção para

um monumento, uma praça ou uma edificação, pergunta preços e traduz informações etc.

Ela, de cara, informa-nos que a Rússia é composta pelo que denominam 89 “sujeitos da federação”, que são entidades diferentes entre si: há repúblicas independentes, províncias e duas cidades, Moscou e São Petesburgo, as maiores do país que constituem, em si, dois entre tais sujeitos. Declara a população nacional de 154 milhões; arrola o nome dos países, com os quais a Rússia tem limite, frisando os que, anteriormente, compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Ressalta que é o maior país do mundo e que, em seu território, há oito fusos horários. Mostra o eixo viário que hoje delimita a cidade e, depois mais internamente, destaca o Anel dos Jardins ou Anel dos Bosques, hoje uma avenida, mas era o limite de Moscou, no momento da entrada das tropas napoleônicas, em 1812. Informa que os homens se aposentam aos 60 anos e as mulheres aos 55; acrescenta as principais *causas mortis*: cirrose, doenças cardíacas, câncer de estômago e mais uma vez destila seu veneno contra o alcoolismo que grassa entre os homens. Vira-se para nós no banco da van e completa: “As mulheres também bebem muito!”.

Além disso, ela requisita e orienta El Gordo, que está pela primeira vez trabalhando para a agência e não conhece bem onde estacionar e como lidar com o trânsito de Moscou que, aliás, é impressionante por dois fatores: a velocidade com que carros e motos andam em plena cidade, com os escapamentos abertos fazendo muito barulho e os enormes congestionamentos, apesar das largas avenidas que servem essa metrópole. Aqui e ali, ela aproveita para falar mal do Partido Comunista e dos moscovitas, esses “nariz empinados”, segundo sua qualificação.

Apesar de não morar nesta cidade, chama atenção como Natália se movimenta bem, conhece ruas, horários, estações de metrô, locais para estacionar e vai se virando para resolver pequenos problemas que aparecem quando se faz turismo

numa grande cidade, o que aumenta a sua transpiração e o odor de suor velho que dela exala.

Moscou é impressionante, tanto pelo tamanho da cidade e seus principais monumentos, como pela síntese que representa entre o seu passado imperial e czarista, como mostram as catedrais e a cidade medieval, seu período socialista, impresso na arquitetura sólida e pouco estética do período stalinista, e seu presente capitalista, anunciado pelas marcas transnacionais que se mesclam nas fachadas e nos *out-doors*. Vejo Tiffannys, Zara, Nike, Kia, Mac Donald's, Max Factor etc. Algumas delas estão escritas em nosso alfabeto e é fácil identificá-las. Outras estão em cirílico e posso reconhecer pelas cores e logotipos, como a rede francesa de supermercados Auchan, que se escreve mais ou menos *Awah*, usando aqui os caracteres que mais se aproximam do que vejo.

A cidade terá tido origem em 1147, pois o primeiro assentamento concentrado do qual se tem notícia, neste sítio urbano, é o de uma povoação eslava, período em que mais ao norte, já havia um principado sediado em Vladimiro-Suzdal, que se ampliou e, no século XIV, transferiu sua capital para Moscou, transformando o Kremlin numa fortaleza, inicialmente edificada em pedra branca e, ao final do mesmo século, ampliada para ocupar cerca de 27 hectares.

Esta área começou, deste modo, a ganhar a configuração atual, com suas majestosas catedrais e palácios em que habitava a nobreza, protegida pelos muros que se alargavam. Assim, à medida que o poder sediado aí se ampliava, com a conformação do Estado de Moscóvia, sobretudo, pelas iniciativas de Ivan III, o Kremlin se embelezava, por meio de projetos de arquitetos italianos que ajudaram a criar uma arquitetura particular, com suas cúpulas douradas ou coloridas, estilo este, depois reproduzido por arquitetos nacionais, o que gerou uma estética muito própria dos russos.

No período soviético, nesta área do Kremlin, que significa cidade medieval, foram demolidos dois mosteiros, já que a religião não foi proibida, mas fortemente reprimida. Os palácios e templos passaram a ter finalidade política (sediando parte

do poder militar e administrativo socialista) e cultural (vários museus foram ali instalados). Contrastando com essa arquitetura histórica e tão peculiar ao período czarista, o Partido Comunista ergueu, neste espaço intra-muros, um enorme edifício moderno, usado apenas uma vez ao ano para a realização dos congressos do Partido Comunista. Hoje esta edificação é ocupada como sala de espetáculos alternativa para as apresentações do Balé Bolshoi, cuja casa principal é o teatro de mesmo nome.

Ao lado do Kremlin está a Praça Vermelha e a Catedral de São Basílio, que compõem um conjunto forte pelos tons avermelhados que predominam nas muralhas e, ao mesmo tempo, alegre pelo multicolorido das torres desta igreja. Ela foi construída em apenas seis anos (1555 a 1561) por Ivan, o Terrível, para comemorar uma vitória militar, de modo que é, ao mesmo tempo, um ícone religioso e político. Sua beleza está nas oito torres policrônicas, com suas formas bizantinas, que compõem o octógono que circunda a torre principal em formato piramidal. O nome oficial desta igreja é Catedral da Intercessão da Virgem, mas o nome de beato Basílio, depois santo, enterrado nesse templo, no final do mesmo século, é o que se tornou popular.

Nesta praça, no século XIX, desfilaram as tropas de Napoleão Bonaparte, quando Moscou foi conquistada por ele e se realizou, no século XX, a Parada da Vitória, para comemorar a derrota do Nazismo. Nela, está o jazigo em que estão enterrados todos os presidentes russos que morreram exercendo seus mandatos, desde o início do período socialista. Inicialmente, o mausoléu de Stalin ocupava a posição central, mas após a descoberta de várias práticas de seu governo, seu corpo foi deslocado para uma posição lateral neste monumento.

O que desfila atualmente pela Praça Vermelha? Pelo que pudemos ver no sábado, dia 7 de julho, são os noivos! Isso mesmo, os casamentos realizam-se, neste dia da semana, como entre os católicos, e os noivos saem para as fotos diante dos grandes monumentos históricos. Os mais abastados estavam em limusines das mais variadas cores – branca, preta com enfeites dourados, vermelha e rosa pink –

outros com seus próprios carros e, por fim, vimos descer de uma van, os recém casados e mais 10 ou 12 pessoas da família. Duas entre essas noivas desceram de seus carros falando ao celular e não paravam mais, mesmo que os fotógrafos e os noivos já demonstrassem impaciência, enquanto aguardavam.

A visita ao metrô de Moscou foi detalhada. Esse sistema de transporte público teve sua origem em 1935. Depois daquele de Tóquio, é o trem metropolitano que tem a maior extensão no mundo, em quilômetros, e suas 174 estações lhes apóiam o serviço. Algumas delas são consideradas pelos russos, como “palácios subterrâneos”, tal a riqueza de seus acabamentos. Vimos, por exemplo, a denominada Arbátskaia, com lustres maravilhosos e mármore brancos. A da Praça da Revolução, com suas enormes esculturas em bronze que representam diferentes profissões do povo. A de Novóslobodskaia, com seus mosaicos com desenhos símbolos da cultura russa. A de Kievskaia-Koltseváia, em que há pinturas da cultura ucraniana, arrematadas por molduras enormes folheadas a ouro. É enorme a quantidade de mármore, granito, metais e cristais que adornam paredes, pisos e tetos das estações principais, todas edificadas no período soviético.

Conhecemos a Galeria Tretskaia (espero que esteja escrevendo corretamente), onde há uma enorme coleção de arte, iniciada pelo aristocrata que dá nome ao museu. Natália percorre as salas, mostrando as principais obras, falando muito depressa, como se fosse possível explicar tudo e procurando nos sensibilizar para as pequenas diferenças que distinguem os diversos estilos e escola. Foi possível ver que a influência da pintura européia do ocidente demorou muito a se exercer sobre os artistas russos, razão pela qual, até o século XVIII, predominam as pinturas religiosas e retratos de membros das famílias da elite, todos em suas poses senhoriais. Não conheciam técnicas de pintura que possibilitam a sensação das três dimensões na representação.

No que se refere à Moscou mais tradicional, a rua mais famosa é a Arbat. Andando por esta via, hoje destinada apenas aos pedestres, sentimo-nos um pouco



decepcionados, porque, afinal, ela nos pareceu menos interessante do que se supunha, mas foi possível ver: a fachada de alguns edifícios bonitos de três pavimentos do século XIX; as diversas lojas onde se vende, sobretudo, matriosckas; lojas de diferentes grifes internacionais, com predomínio das mais populares; cafés e restaurantes; muita gente nas ruas num dia de domingo, o que mostra que o espaço público é muito usado e que o verão é aproveitado por todos.

Na cidade de Moscou, destacam-se, na paisagem urbana, sete prédios muito altos, construídos nas primeiras décadas de socialismo, cuja monumentalidade é notável, embora suas formas estejam longe de ser graciosas, elegantes ou bem estilizadas. É o que se chama aqui do “gótico stalinista”. Dois prédios são ocupados por ministérios, dois são hotéis, dois residenciais (segundo Natália, destinados aos que ocupavam altos postos do PC) e um é a sede da Universidade de Moscou.

Em nosso último dia nesta cidade, vimos esta sede às margens do Rio Moscva. Mesmo não admirando este estilo arquitetônico, é impossível não admitir a grandiosidade do prédio, a visibilidade que ele dá à vida de pesquisa, o maravilhoso gramado, entremeado por canteiros de flores que está à sua frente, dando a distância necessária para enaltecer a construção e os bustos em granito de seus pesquisadores principais, que se posicionam ao longo das duas alamedas que limitam o jardim. Nós, os quatro brasileiros, entreolhamo-nos e ficamos tristes de lembrar a falta de cuidado das nossas universidades com a construção de edificações sólidas e bonitas, bem como a falta de iniciativa de manter vivo, na memória, seus principais professores.

Do outro lado do rio, vê-se uma série de prédios modernos em aço e vidro que representam a produção imobiliária de alto padrão do período recente, muito parecido com o que conhecemos das grandes metrópoles capitalistas, de Nova York a São Paulo, passando pela área de expansão moderna de Paris, La Défense. É o setor que se chama Moscou City.

Aproveitamos as noites na cidade para assistirmos dois corpos de baile. O primeiro foi um balé folclórico russo, apresentado num grande auditório do Hotel Cosmos,

do qual gostamos muito, principalmente pela beleza da dança em decorrência dos passos masculinos, fortes e ágeis. O outro foi uma representação de Dom Quixote, num teatro localizado na mesma praça do grande Bolshoi, que acabamos não vendo porque as entradas ultrapassavam os 400 euros por pessoa.

Muitos hotéis, alguns bem grandes, foram construídos no período soviético, mas foram, a partir de 1992, privatizados. Há, também, edificações novas destinadas à hospedagem, visto que a inserção do país na economia de mercado e a sua abertura política, potencializaram a circulação e a demanda por esse serviço. Ficamos num da rede Marriot. Pela arquitetura do prédio, ele deve ser dos anos de 1960, mas está todo atualizado.

Moscou está em obras. Há construções por toda parte, há reformas, há ampliações. A cidade, quando nos afastamos das áreas onde está o patrimônio arquitetônico mais monumental, não parece muito cuidada. As calçadas nem sempre estão em ordem, há papel ou copos plásticos aqui ou ali, enfim, desse ponto de vista, ela lembra uma cidade brasileira...

Julho de 2012

Carminha Sposito